

BAGNO, Marcos. *Preconceito lingüístico – o que é, como se faz*. 15 ed. Loyola: São Paulo, 2002

Marcos Bagno, mineiro de Cataguases, é autor de livros infantis, juvenis e, além disso, já escreveu um livro de contos, *A invenção das horas*, ganhador do IV Prêmio Bienal Nestlé de Literatura em 1988. Em o *Preconceito Lingüístico – O que é, como se faz* - publicado em 1999 pela editora Loyola, Bagno traz uma discussão sobre as implicações sociais da língua. Ele já havia discutido em seu livro *A língua de Eulália, Novela Sociolingüística* a forma preconceituosa com que a língua é tratada na escola e na sociedade e, no *Preconceito Lingüístico*, retoma essa discussão.

Na edição mais atual de seu livro (15^a), encontrei algumas modificações significativas em comparação com a primeira edição. Segundo o autor, essas mudanças devem-se à vontade de manter o livro sempre atualizado, sintonizado com a evolução e a maneira de ver as coisas; com as críticas, sugestões e comentários que o trabalho recebe. Dentre as mudanças, destaco o acréscimo de um capítulo final - *O Preconceito contra a lingüística e os lingüistas*, o anexo de uma carta de Bagno à Revista Veja, e a história da capa do livro.

Bagno recusa a noção simplista que separa o uso da língua em “certo” e “errado”, dedicando-se a uma pesquisa mais profunda e refinada dos fenômenos do português falado e escrito no Brasil.

Ao mesmo tempo, convida o leitor a fazer um passeio pela *mitologia do preconceito lingüístico*, a fim de combater esse preconceito no nosso dia-a-dia, na atividade pedagógica de professores em geral e, particularmente, de professores de língua portuguesa. Para isso. O autor analisa oito mitos inseridos no primeiro capítulo do livro *A mitologia do preconceito lingüístico*.

No *Mito nº 1 – A língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente*, em que o autor fala da diversidade do português falado no Brasil e destaca a importância de as escolas e todas as demais instituições voltadas para a educação e a cultura abandonarem esse mito da *unidade* do português no Brasil e passarem a reconhecer a *verdadeira diversidade lingüística de nosso país* Qualquer manifestação lingüística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito lingüístico, “errada”, como Bagno discute no *Mito nº 4 – As pessoas sem instrução falam tudo errado*.

No *Mito nº 2 – Brasileiro não sabe português / Só em Portugal se fala bem português*, o autor faz uma longa análise levando em conta a história desses dois países e desmistifica mais esse preconceito. Quanto ao ensino do

português no Brasil, questão também abordada no Mito nº 3 - *Português é muito difícil*, o problema é que as regras gramaticais consideradas “certas” são aquelas usadas em Portugal, e como o ensino de língua sempre se baseou na norma gramatical portuguesa, as regras que aprendemos na escola, em boa parte não correspondem à língua que realmente falamos e escrevemos no Brasil. Por isso achamos que *português é uma língua difícil*. O mito, *Brasileiro não sabe português* afeta o ensino da língua estrangeira, pois é comum escutar professores dizer: *os alunos já não sabem português, imagine se vão conseguir aprender outra língua*, fazendo a velha confusão entre a língua e a gramática normativa.

Bagno, no Mito nº 5 – *O lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão*, diz ser este um mito sem nenhuma fundamentação científica, uma vez que nenhuma variedade, nacional, regional ou local seja intrinsecamente “melhor”, “mais pura”, “mais bonita”, “mais correta” do que outra.

Mais um preconceito analisado é a tendência muito forte, no ensino da língua, de obrigar o aluno a pronunciar “do jeito que se escreve”, como se fosse a única maneira de falar português, *Mito nº 6 – O certo é falar assim porque se escreve assim*.

Mito nº 7 – É preciso saber gramática para falar e escrever bem. Segundo o autor, é difícil encontrar alguém que não concorde com esse mito. Que se invalida, entre outras razões, pelo simples fato de que se fosse verdade, todos os gramáticos seriam grandes escritores, e os bons escritores seriam especialistas em gramática. A gramática, na visão do autor, passou a ser um *instrumento de poder e de controle*.

O último Mito – *O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social*, que fecha o circuito mitológico, tem muito a ver com o primeiro, pois ambos tocam em sérias questões sociais. Bagno diz que o domínio da norma culta nada vai adiantar a uma pessoa que não tenha seus direitos de cidadão reconhecidos plenamente e que não basta ensinar a norma culta a uma criança pobre para que ela “suba na vida” Precisa haver um reconhecimento da variação lingüística, porque segundo o autor, o mero domínio da norma culta não é uma fórmula mágica que, de um momento para outro, vai resolver todos os problemas de um indivíduo carente.

No capítulo II *O círculo vicioso do preconceito lingüístico*, o autor explica que os mitos analisados no capítulo I são perpetuados em nossa sociedade por um mecanismo de *círculo vicioso do preconceito lingüístico* e demonstra como o procedimento de muitos profissionais colabora para a manutenção da prática de exclusão.

No Capítulo III *A desconstrução do preconceito lingüístico* Bagno discute a ruptura do círculo vicioso do preconceito lingüístico, afirmando que a

norma culta é reservada, por questões de ordem política, econômicas, sociais e culturais, a poucas pessoas no Brasil.

Discute, por exemplo, a *mudança de atitude* do professor que deve refletir-se na não-aceitação de dogmas, na adoção de uma nova postura (crítica) em relação a seu próprio objeto de trabalho: *a norma culta*. Essa mudança, do ponto de vista teórico, poderia ser simbolizada numa troca de sílabas: ao invés de *rePEtir alguma coisa, o professor deveria reFLEtir sobre ela*.

Neste mesmo capítulo o autor discorre sobre *o que é ensinar o português; o que é erro; a paranóia ortográfica* (procurar imediatamente erros na produção de um aluno). Reconhece que o preconceito lingüístico está aí, firme e forte, e que mudanças só acontecerão quando houver uma transformação radical do tipo de sociedade em que estamos inseridos.

No último capítulo (IV) *O preconceito contra a lingüística e os lingüistas*, Bagno discute o ensino da gramática tradicional. Sua crítica diz respeito aos conceitos da gramática tradicional, estabelecidos há mais de 2.300 anos. Levanta novamente a questão das mudanças, reconhecendo que o novo assusta, subverte as certezas e compromete as estruturas de poder e dominação há muito vigentes.

Por/by: Cláudia Hashimoto Figueiredo CERQUEIRA
(LAEL/PUC-SP)